

POR UMA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA

Tássia Ferreira Tartaro¹

Resumo: Vivemos rodeados por cenas de formação que tem por objetivo produzir determinada forma sujeito. Sendo assim, este texto tem o objetivo de discutir sobre a formação de professores de matemática. Para isso, evidenciamos a incapacidade de um curso de licenciatura formar um professor, pois, acreditamos que nos formamos entre os conjuntos molares e não apenas um deles. Ou seja, forma-se entre um curso de licenciatura e a matemática e o jogo de futebol e... Sempre entre. Nesta perspectiva, buscamos a partir da ótica de Deleuze com as contribuições de Kafka criar linhas de fuga capazes de inventar caminhos para além das estrias existentes em nossos cursos de licenciatura, que tem por objetivo construir órgãos cuja função é abstrair determinada linguagem matemática.

Palavras-chave: Formação de professores; linhas de fuga; conjunto molar.

Vivemos rodeados por cenas de formação: a mãe que não deixa o filho fazer o que deseja, os cartazes que deixam claro como se deve agir em determinados espaços, as placas de sinalização que estão presentes nas ruas, a mídia que determina formar de ser. Também existem cenas de formação escolar: alunos sentados ordenadamente, celulares desligados, exercícios reproduzidos, olhares para um só ponto.

Podemos ainda evidenciar algumas cenas de formação que um curso de licenciatura em matemática. 18 anos... Curso de Licenciatura... Matemática. Agora o que importa são as abstrações possíveis da linguagem matemática. Sendo assim, a ideia do curso é transformar o sujeito em uma pequena parte do seu corpo, o cérebro. Ou seja, as práticas existentes em um curso de licenciatura criam uma estria onde só a abstração interessa, deixando todo resto como adjacente ao processo de se tornar professor. Cria-se a cabeça, em um corpo que deveria ser sem órgãos, e dentro dela um órgão que tem unicamente a função de abstrair determinada linguagem matemática.

Todas estas cenas já constituem um mapa de formação. Não se trata aqui de um mapa que determina unicamente conjuntos, pois, tais cenas esboçam anéis quebrados, de forma que uma cena pode penetrar a outra e vice versa. É fato que cada um destes conjuntos tem seu clima próprio, seu próprio tom ou seu timbre. Todos estes lugares estão carregados de discursos que compõem conjuntos molares.

Deleuze (2013) diz que um mapa é um conjunto de linhas diversas funcionando ao mesmo tempo. Contudo, há tipos de linhas diversas: no que diz respeito à formação, há linhas que representam algo e outras que são abstratas. Há linhas de segmento e linhas que se rompem. Linhas dimensionais e direcionais. Há linhas que formam contornos, enquanto que outras não formam. Linhas são elementos que constituem coisas e acontecimentos. Por isso, cada conjunto, coisa ou sujeito tem sua geografia, sua cartografia, seu diagrama.

Deveria ser fácil libertar-se de um estado depressivo, mesmo que para isto tenha que empregar toda a força de vontade. Obrigo-me a levantar da cadeira, caminho à volta da mesa, movimento minha cabeça e o pescoço, dou maior vivacidade aos olhos e comprimo os músculos à volta deles. Desafio meus próprios sentimentos, acolho com prazer a “A”, supondo com animação que tenha vindo ver-me, recebo

¹ Profa. Ms. Tássia Ferreira Tartaro; Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP (PPGEM) – Rio Claro, integrante do grupo Uns/PPGEM/RC que pesquisa temáticas em Educação Matemática, apoiadas na literatura da Filosofia da Diferença, orientada pelo professor Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza. E-mail: tassiatartaro@yahoo.com.br.

amavelmente a “B”, que entra em meu quarto; engulo tudo quando diz “C”, por maior que seja a dor e o aborrecimento que isto possa custar-me, sorvendo o ar num hausto prolongado. (Kafka, 1998, p. 24).

Vivemos entre conjuntos molares. Formamo-nos em meio a uma sucessão de regras que tem o objetivo de nos definir. Todo um mapa que sustenta uma ideia de educação. Por conta destas regras precisamos de resoluções que nos afaste de nós mesmos. É fato, estamos sempre transitando entre linhas molares.

Nossa vida é feita assim: não apenas os grandes conjuntos molares (Estados, instituições, classes), mas as pessoas como elementos de um conjunto, os sentimentos como relacionamentos entre pessoas são segmentarizados, de um modo que não é feito para perturbar nem para dispersar, mas ao contrário para garantir e controlar a identidade de cada instância, incluindo-se aí a identidade pessoal. (Deleuze e Guattari, 1995, p. 62).

Há pessoas como elementos de um conjunto no conto de Kafka (1998), da mesma forma que nas cenas de formação, e juntamente com tais pessoas, relações capazes de garantir e controlar os modos de agir, cada qual com seus interesses. Mas não existem apenas linhas molares, existem linhas de fuga, linhas moleculares. Existem linhas que criamos para viver, para deslocar. Linhas que nos (dês) formam.

Enquanto professores de matemática, o curso de licenciatura atua em nós como um conjunto molar que tem a pretensão de nos tornar hábeis na função de ensinar matemática. Mero sonho do próprio curso de licenciatura, pois, o máximo que consegue é garantir um diploma que viabiliza uma prática docente. Não queremos dizer que ele não tenha seu papel na formação, ele tem da mesma forma que outros conjuntos também agem nela, pois, formamo-nos entre família, amigos, emprego, esposo, namorado, cerveja no bar, pipoca no cinema, curso de licenciatura e a matemática.

Os discursos produzidos nos múltiplos conjuntos nos submetem a determinadas regras. Precisamos igual a Kafka (1998) de ter em vários momentos resoluções para pertencer a estes conjuntos. Uma série de atos devem ser praticados em nós mesmos para que possamos criar uma ilusão de pertencimento.

“Todavia e mesmo que consiga fazer isto, um só descuido – e um descuido não pode ser evitado – interromperá todo o processo, ao mesmo tempo fácil e doloroso, e ver-me-ei obrigado a encolher-me novamente em meu canto.” (Kafka, 1998, p. 24). Ou seja, estamos sempre andando em linhas que se rompem, mesmo usando de toda nossa vontade para agir e pertencer a determinado território, há algo neste território que pode nos fazer fugir, de forma que, o mínimo descuido podem nos afastar das regras estabelecidas e estes, como dito anteriormente, não podem ser evitados.

Há explosões de linhas de fuga em conjuntos molares de formação, da mesma forma que há criação de linhas moleculares também nestes ambientes. Seja como sujeitos ou grupos, somos atravessados por linhas de diversas naturezas. Podemos nos interessar mais por um conjunto de linhas do que por outro, no entanto, da mesma forma que podemos produzir linhas, algumas delas também são impostas pelo fora e outras nascem sem nem sabermos ao certo o seu objetivo. (Deleuze e Guattari, 1996).

Se nos formamos professores de matemática entre estes espaços molares que também nos compõem é preciso criar, seja para permanecer ou para fugir para outro conjunto molar, linhas de fuga dentro do próprio curso de licenciatura. É preciso, enquanto sujeito que se forma, percorrer linhas que ainda não foram decalcadas pela legislação que compõe tal curso, pois, sabemos que ao percorrer um curso de licenciatura em matemática encontraremos a

grande árvore da matemática. Assim, as linhas de fugas são capazes de modificar os conjuntos molares e criar para si mesmo oásis de formação.

Somos um corpo produzido por linhas de força molares, mas também por uma vontade de poder. Há um conjunto de corpos em um curso de licenciatura em matemática que pode se constituir singularmente em uma máquina de guerra contra os dogmatismos existentes nestes ambientes de formação.

Desta forma, enquanto seres em formação podemos apenas aceitar as forças que nos impõem determinadas regras. E se for esta nossa escolha

[...] o melhor recurso é enfrentar tudo passivamente, transformar-se em uma massa inerte, e se julgar que está sendo influenciado, não se deixe engabelar a ponto de dar qualquer passo desnecessário, olhar para os outros com olhos de animal, sentir qualquer compulsão. Resumindo: com suas próprias mãos sufocar qualquer vestígio de vida que ainda lhe resta, isto é, aumentar a derradeira paz existente nos cemitérios, não permitindo que nada subsista a não ser ela. (Kafka, 1998, p. 24).

Mas e se ao invés de aceitar às linhas de força que nos subjetivam, quisermos resistir a elas? Neste caso, estaremos tomando a formação em nossas próprias mãos, mas, para isso é necessário fazer de nosso corpo uma máquina de guerra capaz de criar seus próprios caminhos dentro dos caminhos outrora delineados. Isso é criar conjuntos rizomáticos.

Mas não nos enganemos, práticas molares só existem engendradas em conjuntos moleculares, ou seja, criamos conjuntos moleculares a partir de uma máquina de guerra capaz de destruir a própria molaridade de determinado conjunto. No entanto, as linhas molares estão a postos, e tem o objetivo de se apropriar das próprias práticas existentes na molecularidade. Desta forma, a intenção de uma máquina de guerra molecular é inventar caminhos, andar por eles e deixá-los, pois, não se trata de conservar os caminhos da formação, mas sim de criá-los para si mesmo.

Não acreditamos que um curso de licenciatura em matemática possa formar alguém, o máximo que ele pode é produzir espaços de conhecimentos matemáticos, que não é único, tampouco o mais importante. Os espaços são múltiplos. Mas o que nos são apresentados é limitado pelas regras e normas que compõem tal curso. Aprendemos a trilhar determinados caminhos no fim de um curso de licenciatura, aprendemos a respeitar as regras e a colocamos em um pedestal. De repente, o mais importante é aprender as regras matemática, seus conceitos, suas normas. Todas estas práticas contemplam os discursos existentes no conjunto molar da formação de professores de matemática.

No entanto, o que nos forma não são somente os discursos produzidos neste espaço, mas sim, os múltiplos discursos que estão por toda a parte. O essencial seria buscar entre todos os espaços que compõem nossa formação, nosso próprio discurso. Um discurso que ao proferirmos tivéssemos a certeza de ser parte de nossa própria singularidade, pois, o formar nada tem a ver com um conjunto específico, mas sim com o que tiramos dele.

Acreditamos que enquanto seres em constante formação, precisamos encontrar nossos próprios caminhos. Produzir linhas de força capazes de evidenciar nossa própria singularidade. Formar é buscar a potência que existe em nós mesmos e fugir de tudo o mais que quer nos despotencializar. Formar é estar sempre em luta. É fazer de si mesmo uma máquina de guerra e...

Referências

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. v. 1. Edições 70: Lisboa. 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs*. v. 1. Rio de Janeiro: Ed, v. 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs*. v. 3. Rio de Janeiro: Ed, v. 34, 1995.

KAFKA, Franz. Resoluções. In: KAFKA, Franz. *Na colônia penal*. Editora Companhia das Letras, 1998.